

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - COMISSÃO DE GRADUAÇÃO  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**MEMÓRIAS DE EX-ALUNOS E EX-ALUNAS EGRESSOS DE UMA ESCOLA MILITAR**

Gabrihel Stumpf Viegas

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosângela Soares

Porto Alegre

Julho/2018

GABRIHEL STUMPF VIEGAS

**MEMÓRIAS DE EX-ALUNOSE EX-ALUNAS EGRESSOS DE UMA ESCOLA MILITAR**

Monografia apresentada à Comissão de Graduação do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosângela Soares

Porto Alegre

Julho/2018

## **Resumo**

O presente trabalho, de abordagem qualitativa, analisa um contexto específico, o Colégio Tiradentes da Brigada Militar (CTBM), a partir das perspectivas dos/as ex-alunos/as sobre esse ambiente escolar, vivenciado por eles e elas em um passado recente. Ao pesquisar trabalhos acadêmicos, foi possível perceber que, em sua maioria, os mesmos apenas analisam o desempenho desses alunos/as no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Outros, apenas relacionam o desempenho dos alunos/as no ENEM com os seus fatores sociais. Porém, entendo que seja importante sermos capazes de olhar para os alunos/as de escolas militares não somente como número, mas também como seres reflexivos, inseridos em um tipo de cultura juvenil. Para tanto, colocou-se a seguinte inquietação: quais perspectivas os/as ex-alunos/as do CTBM construíram a partir da vivência que tiveram nesse espaço escolar militar? A partir de entrevistas feitas com ex-alunos/as do CTBM, objetivou-se aprender sobre suas perspectivas a partir da rotina vivida, das expectativas e dos dilemas enfrentados a fim de refletir sobre as estratégias utilizadas por eles/as para se adequarem e/ou se contraporem ao contexto escolar regido pelas regras militares. Foram abordados os seguintes aspectos: Ingresso e adaptação ao colégio; apresentação pessoal e hierarquia; desempenho escolar e méritos; o que lembram e o que projetam para o futuro. Analisando os resultados obtidos na entrevista, foi possível constatar que as identidades, tanto as consideradas coerentes às normas, como as desviantes foram fortemente controladas e produzidas através da escolarização militar. Ainda, que as diversas lembranças descritas pelos ex-alunos/as demonstram como frequentar o CTBM foi uma experiência marcante na juventude deles/as. Interessante observar que, mesmo considerando os pontos positivos e negativos citados pelos/as entrevistados/as, o estudo parece indicar que os/as mesmos/as, exceto em contextos bem específicos, incentivariam um/uma filho/a seu a ingressar no CTBM.

Palavras-chave: Ensino Militar; Colégio Tiradentes da Brigada Militar; Culturas Juvenis.

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução.....</b>	<b>5</b>
1.1 Contextualização.....	5
1.2 Justificativa e questão de pesquisa .....	5
1.3 Objetivos.....	6
<b>2 Revisão Bibliográfica.....</b>	<b>7</b>
2.1 História da escolarização militar.....	7
2.2 Colégio Tiradentes da Brigada Militar.....	8
2.3 Culturas Juvenis Contemporâneas.....	9
<b>3 Procedimentos Metodológicos.....</b>	<b>10</b>
<b>4 Discussão e Análise dos Resultados.....</b>	<b>11</b>
4.1 Rotina no Colégio Tiradentes da Brigada Militar.....	12
4.2 Ingresso e adaptação.....	13
4.3 Apresentação pessoal e hierarquia.....	15
4.4 Desempenho escolar e méritos.....	18
4.5 O que lembram e projetam.....	20
<b>5 Considerações Finais.....</b>	<b>22</b>
<b>6 Referências.....</b>	<b>23</b>
<b>Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>26</b>
<b>Apêndice B – Entrevista Estruturada.....</b>	<b>27</b>

## **1 Introdução**

### **1.1 Contextualização**

O Brasil conta com 186,1 mil escolas de educação básica, que contemplam o Ensino Fundamental e o Ensino Médio (BRASIL, 2017). Desse universo de escolas, aproximadamente 115 (menos de 1%) são administradas pelo Exército brasileiro ou Polícia Militar ou Corpo de Bombeiros. Mesmo representando uma porcentagem pequena, as escolas militares possuem defensores e críticos fervorosos na sociedade. Por isso, mais trabalhos acadêmicos discutindo essas instituições de ensino singulares certamente contribuirão para um debate mais embasado a respeito das mesmas.

Para uma análise crítica da formação militar é importante considerar o público-alvo, os jovens, e o objetivo da Educação Básica, de formação plena do indivíduo, preparo para o exercício da cidadania e continuidade dos estudos (Art.22 da Lei 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Nesse sentido, é fundamental conhecer os estudos acerca da diversidade de juventudes existentes na sociedade brasileira a fim de perceber como as suas pluralidades culturais se expressam nas escolas militares.

Neste trabalho, primeiro, serão apresentados a justificativa, as questões de pesquisa e os objetivos. A seguir, trago uma breve revisão sobre a História da Escolarização Militar no Brasil e, mais especificamente o Colégio Tiradentes da Brigada Militar (CTBM) de Porto Alegre/RS. Apresento também uma discussão sobre as Culturas Juvenis Contemporâneas, compondo assim o corpo teórico do trabalho. Após, as memórias dos ex-alunos/as do CTBM, acessadas via entrevista estruturada, serão discutidas e analisadas e, por fim, trago algumas conclusões possíveis.

### **1.2 Justificativa e questões de pesquisa**

Durante meu período de Estágio de Docência em Biologia tive a oportunidade de lecionar no Colégio Tiradentes da Brigada Militar. Convém esclarecer que fui aluno desse colégio, de 2005 a 2007, e tenho muitas lembranças daquela época vivas na memória. No período de observação como estagiário docente, alguns alunos/as me fizeram diversas perguntas sobre a minha época de aluno lá, o que me levou a refletir sobre essa parte de minha trajetória estudantil no CTBM. Então, tive a ideia de entrevistar meus ex-colegas desse colégio militar. O ponto chave abordado seria: as perspectivas dos ex-alunos/as do CTBM sobre esse ambiente escolar vivenciado por eles/as em um passado recente.

Junto com isso, ao pesquisar trabalhos acadêmicos, foi possível perceber que, em sua maioria, os mesmos apenas analisam o desempenho desses alunos/as no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Outros, apenas relacionam o desempenho dos alunos/as no ENEM com os seus fatores sociais. Porém, entendo que seja importante sermos capazes de olhar para os alunos/as de escolas militares não somente como número, mas também como seres reflexivos, inseridos em um tipo de cultura juvenil.

Acredito que resgatar essas memórias ajudará a mostrar de forma mais concreta a figura do aluno/a de escola militar, geralmente lembrado pela literatura acadêmica apenas como um número nas estatísticas relacionadas ao desempenho escolar (MENDES, 2014). Ainda, penso que comparar essas memórias com os estudos acerca das culturas juvenis, favorecerá a compreensão dos dilemas pessoais dos alunos/as desse colégio militar. Finalmente, entendo que esse trabalho possibilitará uma melhor compreensão desse espaço escolar ainda pouco conhecido pelos brasileiros.

Frente a isso, coloco a seguinte questão: Quais perspectivas os ex-alunos/as do CTBM construíram a partir da vivência que tiveram nesse espaço escolar militar? Dessa, decorrem as seguintes: Quem são os ex-alunos/as do CTBM? Quais rotinas e dilemas enfrentaram nesse ambiente escolar?

### **1.3 Objetivos**

Diante dessas questões, o presente trabalho tem como objetivo geral: Conhecer as perspectivas dos ex-alunos/as do CTBM sobre esse colégio a fim de refletir sobre as estratégias utilizadas por eles/as para se contraporem e/ou se adequarem ao contexto escolar regido pelas regras militares. Desse objetivo geral decorrem outros objetivos específicos:

- Descrever os jovens e suas justificativas para ingressar na escola militar para fazer um levantamento das motivações da busca por esse tipo de escola;
- Identificar as culturas juvenis presentes no CTBM a fim de contribuir para uma visão dos jovens que vai além de números estatísticos;
- Refletir sobre o ensino militar e suas regras para apontar suas particularidades enquanto sistema de ensino.

## 2 Revisão bibliográfica

### 2.1 História da escolarização militar no Brasil

Em 1808, com a vinda da corte portuguesa, foi criada no Rio de Janeiro a primeira instituição de Ensino Militar e de Ensino Superior brasileira, a Academia Real Militar, que formava oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros militares e civis (ROSA, 2012). Também no Rio de Janeiro/RJ, em 1889, com a República, inaugurou-se o primeiro Colégio Militar do Brasil, que serve como referencial até hoje. No início do século XX, os segundo e terceiro Colégios Militares do Brasil foram inaugurados, respectivamente, em Porto Alegre/RS e Fortaleza/CE, inspirados na grande matriz carioca (FREIRE, 2017).

Em 1913, no Rio de Janeiro, foi aberta a Escola Militar do Realengo, que graduava a elite do oficialato do exército brasileiro. Contudo, em 1944, visando o aperfeiçoamento desse oficialato, foi construída a Escola Militar de Resende, que poucos anos depois ficou conhecida como a Academia Militar das Agulhas Negras. Posterior à consolidação da AMAN, houve o aumento do número de instituições de ensino vinculadas ao exército, em todos os níveis, pelo Brasil (ROSA, 2012).

Durante o governo de Juscelino Kubitschek, entre 1955 e 1959, foram abertos mais quatro Colégios Militares em Belo Horizonte/MG, Salvador/BA, Curitiba/PR e Recife/PE. Ao longo do Governo Militar, entre 1971 e 1978, mais dois Colégios Militares foram inaugurados em Manaus/AM e Brasília/DF. Após a retomada democrática foram criados os três Colégios Militares mais recentes em Juiz de Fora/MG, Campo Grande/MS e Santa Maria/RS, entre 1993 e 1994 (FREIRE, 2017). No princípio, os Colégios Militares recebiam apenas os filhos dos militares, mas com o passar do tempo não só ingresso de filhos/as de militares, mas também o de filhos de civis foi institucionalizado porque passaram a realizar exame seletivo de ingresso (SOUZA, 2014).

Desde 1889, os Colégios Militares são regidos pelo Sistema Colégio Militar do Brasil - SCMB, um modelo de gestão educacional cuja finalidade é proporcionar o Ensino Básico de qualidade aos jovens (SOUZA, 2014). Especificamente, o SCMB é caracterizado pela rotina de cerimônias militares, regras militares de convivência e práticas esportivas (Regimento Interno dos Colégios Militares, 2006). Por isso, inevitavelmente, o SCMB acaba recebendo tanto elogios contundentes quanto críticas inapeláveis da sociedade (CASTRO, 2017). Além dos doze Colégios Militares brasileiros, há dezenas de escolas administradas pela Polícia Militar ou pelo Corpo de Bombeiros, igualmente regidas pelos princípios da disciplina, da moral, da responsabilidade, da cidadania e da hierarquia, espalhadas pelo Brasil (RODRIGUES, 2014).

## 2.2 Colégio Tiradentes da Brigada Militar

Em 1980, abriu-se em Porto Alegre o primeiro Colégio Tiradentes da Brigada Militar (CTBM), que recebia apenas os filhos de policiais militares e os formava para a entrada na Academia de Polícia Militar. A partir de 1997, observando os dispositivos da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei Federal n.º 9.394/96) vem oferecendo o Ensino Médio. Com a mudança, filhos/as de civis e de policiais militares, puderam ingressar no CTBM. Além da matriz em Porto Alegre/RS, novas sedes foram fundadas em Passo Fundo/RS, Santa Maria/RS, Santo Ângelo/RS, São Gabriel/RS, Pelotas/RS e Ijuí/RS nos últimos dez anos (MANUAL... 2012,p.2). Atualmente, o ingresso dos alunos no CTBM ocorre via processo seletivo, sendo 30% das vagas destinadas aos filhos/as ou dependentes de policiais da Brigada Militar. Porém, o ingresso de funcionários (professores, agentes educacionais, etc....) no CTBM é determinado pela Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (Lei Estadual n.º 12. 349/2005). A seguir constam trechos retirados do regimento interno do colégio:

A filosofia do CTBM está pautada em proporcionar ao aluno condições para o desenvolvimento de suas potencialidades, habilidades e capacidades, permitindo o aprimoramento das relações interpessoais e melhor compreensão da realidade onde está inserido, através de ações participativas, contribuindo para a construção de uma escola que prima pela educação moral e intelectual, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases do Ensino n.º 9394/96 (MANUAL DO ALUNO 2012, p.2).

A visão do CTBM é ser uma instituição pública de excelência, servindo como referencial na educação de ensino médio, promovendo o desenvolvimento pessoal e intelectual do aluno (MANUAL DO ALUNO 2012, p.2).

A missão do CTBM é promover a formação integral de jovens através da disciplina, da hierarquia e do ensino de qualidade, de acordo com o contexto atual (MANUAL DO ALUNO 2012, p.2).

Os princípios do CTBM são: Disciplina: é a observância e o acatamento das normas e disposições que fundamentam o CTBM e coordenam o seu funcionamento regular e harmônico, traduzindo-se pela garantia dos direitos e pelo cumprimento dos deveres por parte do corpo discente; Hierarquia: é a ordenação da autoridade em níveis diferentes, dentro da estrutura do CTBM, constituída pela antiguidade legalmente estabelecida; Ética: é um conjunto de valores morais históricos e de princípios que norteiam a conduta humana na sociedade, visando ao equilíbrio e ao bom funcionamento social; Moral: é o conjunto de regras adquiridas através da cultura, da educação, da tradição e do cotidiano, e que orientam o comportamento humano dentro de uma sociedade; Responsabilidade: É a obrigação a responder pelas próprias ações, e pressupõe que tais atos se apoiem em razões ou motivos; Cidadania: é o conjunto de direitos e de deveres pelo qual o cidadão/indivíduo está sujeito no seu relacionamento com a sociedade em que vive (MANUAL DO ALUNO 2012, p.3).

Conhecer a filosofia, a visão, a missão e os princípios do CTBM ajudam a entender a mentalidade que rege esse ambiente escolar. Porém, é importante conhecer mais sobre as culturas juvenis contemporâneas para que se perceba como as suas pluralidades culturais podem se expressar ou não dentro dessa escola militar.

### **2.3 Culturas juvenis contemporâneas**

Os jovens enxergam e experimentam a vida de maneiras distintas, influenciados pelo seu poder aquisitivo, condições de saúde, segurança, escolarização, gênero e etnia, entre outros marcadores sociais. Considerando as várias maneiras de ser jovem é possível afirmar que não existe apenas uma cultura juvenil e sim diversas culturas juvenis compondo a sociedade brasileira (MARTINS e CARRANO, 2011).

As perspectivas bastante particulares dos jovens entram em contato direto na escola, que é um dos espaços de socialização juvenil (VARELA, 1996). No nosso contexto social, muitas vezes, a escola é uma das poucas, senão a única possibilidade de lazer para os estudantes e é, portanto, um espaço de expressão das culturas juvenis. Mesmo aqueles alunos ditos indisciplinados e repetentes, costumam estar presentes na escola, seja para jogar bola, escutar música, brigar, bater um papo, encontrar amigos e/ou namorado (VIEIRA, 2012). Ir para a escola e estar na sala de aula não são a mesma coisa para os estudantes. A escola no contexto juvenil e a utilização de espaços escolares vão além da sala de aula, se estabelecem como lazer e espaço de encontro. A expressão dessas concepções juvenis na escola é fundamental para o desenvolvimento e para a solidificação da identidade dos alunos (VARELA, 1996).

Embora não seja possível atribuir à escola toda a responsabilidade pela construção das identidades sociais, ela ainda é um local importante de vivência cotidiana de crianças e jovens. Através de suas normas, do uso do tempo, do espaço, das suas rotinas, a escola sempre esteve envolvida no processo de construção de identidades sociais. Nota-se o afloramento das identidades juvenis através de aquisições materiais, vestimentas, preferências musicais e performances artísticas (ABDALLA, 2014). Entretanto, as diferentes culturas juvenis permanecem não sendo bem-vindas na escola, que foi estruturada em moldes conservadores desde o princípio da história da escolarização brasileira (VIEIRA, 2012).

Na prática, quando os jovens sentem suas práticas, representações, símbolos e rituais desautorizados pelas escolas tradicionais, não escondem o descontentamento, reagindo de forma enérgica. Alguns deles acabam rotulados, injustamente, como problemáticos ao longo do processo multifatorial de construção de suas personalidades, pois não se encaixam nos moldes conservadores das escolas (MARTINS e CARRANO, 2011). Indiscutivelmente, elas interferem na formação

identitária dos jovens durante a transição para a vida adulta, mesmo não existindo uma política educacional brasileira consistente focando nas culturas juvenis. De maneira geral, as regras escolares querem padronizar os alunos/as de acordo com todas as expectativas sociais, por vezes silenciando interesses, perspectivas e aspirações dos jovens (SANTANA, 2015).

Neste sentido, as escolas militares, uniformizadoras e disciplinadoras, inevitavelmente reprimem mais ainda a expressão das culturas juvenis. Mesmo assim, seus alunos/as utilizam estratégias para expressá-las, afinal, todos eles/as integram uma grande diversidade de coletivos juvenis como: tribos, movimentos sociais, movimentos estudantis, movimentos negros, movimentos feministas e movimentos LGBT (PERONDI, 2015). Dessa forma, é importante saber dos ex-alunos/as quais significados foram dados por eles à vivência que tiveram naquele espaço escolar militar.

### **3. Procedimentos metodológicos**

Neste trabalho, de abordagem qualitativa, foi realizado um estudo de caso, que pressupõe a análise de um contexto específico, retratando a realidade de forma contextualizada (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). A observação e a entrevista, ainda de acordo com esses autores, são técnicas fundamentais para esse tipo de pesquisa. A observação de campo, realizadas duas vezes por semana durante o segundo semestre de 2017 (período equivalente ao Estágio de Docência em Biologia), anterior à investigação propriamente dita, é utilizada aqui para subsidiar a escrita da seção denominada: Rotina no Colégio Tiradentes da Brigada Militar. Priorizei nesta investigação a entrevista estruturada ou questionário, que possibilita ao entrevistador uma apreensão da percepção e da vivência pessoal de situações dos entrevistados (BONI e QUARESMA, 2005).

Especificamente, essa modalidade de pesquisa exploratória, apesar das perguntas orientadoras, estimula o entrevistado a pensar livremente sobre algum tema, objeto ou conceito, gerando dados descritivos, aspectos subjetivos e resultados espontâneos (DIAS, 2013, p.84)

As entrevistas foram realizadas individualmente com os jovens que, convidados por mim, se dispuseram a participar. A partir de um roteiro prévio de questões foi possível obter informações sobre a rotina escolar desses jovens na escola. Observando os aspectos éticos da pesquisa, logo após explicar o propósito do presente trabalho, apresentei para os participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>1</sup>. O referido termo garante sigilo ético para todos os dados que foram obtidos ao longo da pesquisa, assim como preserva a identidade dos participantes.

---

<sup>1</sup>Disposto como apêndice no presente trabalho.

Os entrevistados/as totalizaram 14 e têm atualmente entre 27 e 29 anos, sendo que durante o Ensino Médio eles/as tinham entre 15 e 17 anos, de 2005 a 2007. São oito do sexo masculino e seis do sexo feminino. Ressalto que a quase equivalência de gênero não foi proposital e nem o objetivo principal na escolha dos depoentes, aconteceu no decorrer dos contatos. A maior parte dos jovens é branca e pertence, grosso modo, às camadas urbanas de classe média, sendo constituída por universitários e/ ou já formados dos seguintes cursos: Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Engenharia da Computação, Engenharia de Alimentos, Engenharia Química, Gastronomia e Odontologia.

Portanto, nas entrevistas dos 14 ex-alunos/as do CTBM, eles/as compartilharam suas memórias conforme foram respondendo a entrevista estruturada, porém tiveram liberdade e até foram estimulados pelo entrevistador e pesquisador a falar livremente de suas vivências. As respostas obtidas, a meu ver, podem despertar nos leitores momentos de reflexão sobre a atmosfera dessa escola administrada pela polícia militar gaúcha, comparando as suas exigências com as necessidades educacionais dos jovens, incluindo a expressão da diversidade cultural, a partir dos estudos sobre culturas juvenis. Vale destacar, que as respostas dos entrevistados/as foram gravadas com o consentimento deles, que podem ser acessadas caso sejam requisitadas e, também, que foram arquivadas e mantidas sob sigilo para evitar que as pessoas fossem identificadas.

#### **4. Discussão e análise dos resultados**

Primeiramente, antes de apresentar os resultados das entrevistas, trago o material obtido por meio das observações de campo durante o Estágio Docente em Ciências Biológicas no CTBM, como já referi anteriormente, descrito na seção intitulada: Rotina no Colégio Tiradentes da Brigada Militar.

As análises das entrevistas foram dadas nas seguintes seções: Ingresso e adaptação ao colégio, que busca discutir as motivações na busca por esse tipo de escola, o primeiro contato e a adaptação à instituição; Apresentação pessoal e hierarquia, analisa o controle escolar sobre a aparência, o uso do uniforme e a forte hierarquia exercida no CTBM; Desempenho escolar e méritos, aponta para a relação estreita entre mérito e desempenho escolar e, por fim, O que lembram e projetam, remete ao que guardam como lembranças positivas e negativas e que projeções fazem a partir dessas lembranças.

Na presente discussão e análise de dados, temos os relatos de oito homens, representados pela cor **vermelha** e pela letra **M** (**M1** a **M8**), bem como de seis mulheres, representadas pela cor **azul** e pela letra **F** (**F1** a **F6**). Essas designações facilitam ao leitor a

percepção das falas pertencentes a gêneros diferentes. Dessa forma, trago aqui alguns achados de pesquisa, os quais, sem a pretensão de esgotá-los, serão abordados nessa seção.

#### **4.1 Rotina no Colégio Tiradentes da Brigada Militar**

Rotineiramente, às 7h15min da manhã, iniciam as formaturas militares, onde alguns alunos/as de terceiro ano devem apurar as presenças, de todos os anos, bem como fiscalizar a apresentação pessoal dos mesmos. Os atrasos, as faltas e as irregularidades na apresentação pessoal dos alunos/as, de todos os anos, são registrados e repassados a supervisão militar após a cerimônia. Feito isso, atividades de ordem unida, comandadas pelos/as alunos/as do terceiro ano sob supervisão dos policiais militares, como marchar, vozes de comando, sons de comando, canções e hinos são praticadas objetivando o treinamento para as cerimônias oficiais da Brigada Militar, assim como os desfiles tradicionais de 3, 7 e 20 de setembro. Essas formaturas são encerradas geralmente às 7h50min.

O período letivo ocorre das 8h às 12h, com um intervalo na metade da manhã. Após o término do dia letivo, os alunos/as do terceiro ano são liberados para casa, alguns alunos/as do segundo ano fiscalizam a faxina do colégio enquanto alguns do primeiro ano realizam-na (seguindo as escalas cíclicas feitas pelos policiais militares). Uma vez que a faxina foi finalizada, todos os/as alunos/as escalados/as são liberados para casa. Atividades extracurriculares (atividades esportivas, aulas de reforço, aulas de música, etc.) são oferecidas no turno vespertino a todos os alunos/as interessados.

No cotidiano colegial, cumprimentos na forma de continência, saudação ou aperto de mão devem ser direcionados as autoridades militares, funcionários civis e superiores hierárquicos, que integram a Brigada Militar, em sinal de respeito. Além disso, o tratamento de "senhoria" deve ser dirigido ao Corpo Docente, Funcionários Civis, Militares e Alunos/as das séries hierarquicamente superiores (MANUAL DO ALUNO 2012, p.6).

Quanto ao comportamento dos alunos/as, todos eles iniciam o ano letivo com 7,0 pontos disciplinares, que podem ser aumentados ou diminuídos de acordo com as suas atitudes no dia-a-dia. Alunos/as que atingem menos de 3,0 pontos disciplinares devem procurar outra escola para concluir o Ensino Médio. Em contrapartida, os alunos/as com bom comportamento, que seguem as regras, são premiados com o alamar de mérito disciplinar, uma condecoração no fardamento que permanece com o aluno/a enquanto o seu exemplo de conduta for mantido.

Quanto às avaliações, os/as alunos/as que obtiveram a nota final igual ou superior a 6,0 são aprovados, passando para o próximo ano tranquilamente. Por outro lado, o/a aluno/a com a nota final abaixo de 6,0, repete o ano. Caso haja nova repetência, esse/a aluno/a deve procurar outra

escola para concluir o Ensino Médio. As avaliações são trimestrais; os/as alunos/as que obtiveram notas trimestrais superiores a 9,0 em todas as disciplinas são premiados com o alamar de mérito escolar, uma condecoração no fardamento que permanece com o/a aluno/a enquanto esse alto desempenho intelectual for mantido. Como é possível observar, no Colégio Tiradentes, hierarquia, comportamento e desempenho intelectual estão intrinsecamente relacionados e regem a vida dos alunos/as no seu cotidiano.

## 4.2 Ingresso e adaptação ao colégio

Alunos/as tanto de escolas públicas quanto particulares fizeram o exame de seleção e acabaram ingressando no Colégio Tiradentes da Brigada Militar. Esses buscavam acima de tudo um ambiente escolar gratuito e com ensino de qualidade, que prepara para o vestibular. Essas razões, somadas à disciplina militar fizeram os pais deles/as incentivá-los/las a estudar. Segue abaixo alguns aspectos apontados pelos entrevistados/as como motivações pessoais para querer ingressar no CTBM:

**F1 e F4:** Renda familiar insuficiente para pagar escola particular;

**F3:** Fazer seus pais pararem de pagar uma escola particular;

**F5:** Alternativa de fuga do *bullying* sofrido na escola anterior;

**F6:** Frequentar uma escola onde você não é julgado pelas roupas;

**F6:** Curiosidade de conviver com colegas que gostem dos estudos;

**M8:** Não seguir no ensino público convencional;

**M6:** Não ser o único dos três filhos que não estudou numa escola militar;

**M2:** Aumento na mesada.

Embora duas entrevistadas e um entrevistado apresentassem mais dificuldades financeiras que outros/as, na sua maioria, são jovens que fazem parte de uma categoria juvenil que têm oportunidade de estudar, aspirar a cursos universitários com direito a investimentos na sua formação e postergar sua entrada no mundo do trabalho. São jovens que estão se preparando para um futuro profissional, estão investindo para a obtenção de maior sucesso no mundo do trabalho, o que tem se tornado uma exigência cada vez maior num mundo competitivo e de crise social. Brandão (2004) acentua que, ao mesmo tempo em que os/as jovens, na atualidade, parecem conquistar cedo a autonomia pessoal, eles se mantêm por longos períodos dependentes dos pais em função das dificuldades de inserção no mundo do trabalho.

Cinco entrevistadas e cinco entrevistados se adaptaram facilmente ao CTBM sem sentir seus valores atacados pelas regras militares, pois já estavam habituados a usar uniforme na escola anterior, enxergavam praticidade nisso ou já seguiam normas de conduta, ensinadas em casa, próximas às exigidas pela escola. Dois entrevistados e uma entrevistada sentiram mais dificuldades de adaptação nos primeiros meses pela grande quantidade de hábitos novos que precisavam ser assimilados. Contudo, uma entrevistada e um entrevistado justificaram sua incapacidade de adaptação às regras por questões físicas ou ideológicas respectivamente. Segue abaixo alguns aspectos apontados pelos/as entrevistados/as como fatores que dificultaram suas adaptações a curto, a médio ou à longo prazo após os seus ingressos no CTBM:

- F1 e F6:** Limpar o colégio;
- F4:** Sentir cansaço depois das atividades militares;
- F4:** Sentir preguiça de cumprir os horários;
- F1:** Discordância das regras;
- F1:** Falta de vontade de cumprir as regras;
- M5 e M6:** Prestar continências aos veteranos;
- M5 e M6:** Reportar-se aos veteranos como senhor/senhora;
- M5:** Usar o fardamento militar;
- M2 e M7:** Rebeldia;
- M2:** Imaturidade;
- M7:** Inquietude;
- M7:** Despreparo para lidar com a rigidez das regras.

Nos anseios pessoais, relativos ao ingresso no CTBM, acredito que seja interessante evidenciar a capacidade dos jovens de idealizar um espaço escolar benéfico para a sua formação. Entretanto, a existência do espectro de adaptação às regras, consideradas razoáveis por dez, toleráveis por dois ou verdadeiros dilemas existenciais por dois, ex-alunos/as, evidencia que a transição de um jeito de ser e viver para outro não é trivial para os jovens. Dayrell (2003) lembra que, os jovens são seres humanos repletos de sentimentos e posicionamentos relacionados às suas experiências de vida enquanto constroem um determinado modo de ser jovem. Particularmente, penso que esse turbilhão de emoções ajuda a contextualizar a dificuldade que os ex-alunos/as sentiram ao trocarem suas escolas anteriores, mais liberais, por um novo colégio militarizado, sendo que neste não há flexibilidade, as regras estão prontas, cabe ao jovem se adaptar ou sair de lá.

### 4.3 Apresentação pessoal e hierarquia

A maioria dos ex-alunos/as respeitavam as regras de apresentação pessoal. Entretanto, às vezes, por necessidade ou não, cinco entrevistadas e cinco entrevistados assumiram que as burlavam das seguintes maneiras:

**F1 e F2:** Usando unhas compridas

**F1 e F3:** Usando unhas coloridas;

**F1:** Usando bijuterias chamativas;

**F1:** Fazendo a trança de qualquer jeito;

**F3 e F4:** Usando meias coloridas em dias de abrigo;

**F6:** Não lustrando o sapato;

**F2 e M8:** Usando farda mal passada;

**M8:** Usando o abrigo sempre;

**M2 e M7:** Usando camiseta para fora da calça;

**M1:** Usando camiseta branca lisa por baixo da camisa da farda;

**M1:** Usando tênis branco ou colorido;

**M1 e M2:** Não usando boina fora do colégio;

**M2 e M6:** Mantendo cabelo grande.

Abaixo, seguem dois relatos dos entrevistados na íntegra, um masculino e outro feminino, que explicitam as motivações e sentimentos de transgressão em relação às regras de apresentação pessoal:

Sim, eu burlava todas as regras possíveis de apresentação pessoal, por falta de maturidade, por querer ser diferente dos outros, querer aparecer, querer ser o diferente, querer ser o legal da turma, achava que isso me destacava positivamente. Não usava boina em lugares descobertos para mostrar que era mais forte que o sistema, deixava o cabelo o mais comprido possível, fazia uma falha na sobancelha... Lembro que um soldado mentiu que ela não ia mais crescer pra eu parar de fazer isso (**M2**).

Eu driblava as normas sem entender ou valorizar a sua importância. Na prática, eu queria usar aquilo que sempre gostei... Maquiagem, Brinco... Assim como todas adolescentes. Nessa idade, as meninas querem estar com a autoestima elevada, querem se sentir bonitas... É difícil colocar aquele uniforme completamente masculino sem colocar algo que desse um detalhe melhor, algo mais feminino (**F1**).

É relevante observar que os estilos juvenis eram bastante controlados pela uniformização dos ex-alunos/as dentro do CTBM. Considerando os padrões de beleza colocados

socialmente sobre as mulheres e as formas de transgressão femininas às regras de apresentação pessoal, aparentemente, as meninas padeciam nesse colégio, pois sentiam bastante reprimido o nuance estético de sua feminilidade. Embora os meninos também transgredissem as regras de apresentação pessoal, suas motivações para tal não pareciam ser as mesmas das meninas, essas últimas ainda são mais pressionadas socialmente a seguir tendências de moda e padrões de beleza. É interessante destacar o quanto as meninas eram pressionadas de diferentes formas: na escola, ao serem obrigadas a usar uniforme, ou seja, abandonar de uma certa forma, o que a sociedade lhes impunha em termos de vaidade.

Enquanto a escola busca disciplinar por meio de um poder que diz não, o mercado consumidor instiga a fazer determinadas coisas, produz comportamentos. Nesse sentido, Amaral (2011) destaca que, o mercado consumidor conectou a imagem do jovem ao consumismo e a maneiras de ser em que o corpo juvenil é objeto invejado. A partir daí os estilos juvenis integraram a moda, suas músicas, suas expressões, suas linguagens ganharam mais visibilidade nas mídias e esse processo fez os jovens se estabelecerem como modelo cultural. Particularmente, considero essa reflexão fundamental para a compreensão do conflito interno cotidiano vivenciado, sobretudo pelas meninas no ambiente escolar militarizado do CTBM. Talvez seja possível afirmar que, no aspecto apresentação, as meninas se sentiram mais tolhidas na sua expressão enquanto jovens e enquanto mulheres.

As alterações ou advertências verbais, eram geralmente feitas para repreender transgressões da apresentação pessoal, mas essa repreensão poderia ser estendida às questões comportamentais. O intuito das alterações era promover a reflexão do jovem sobre a violação cometida para que ele repensasse o seu comportamento. A maioria dos alunos/as raramente eram alterados/advertidos verbalmente, mas quando eram, disseram que repensavam a sua postura, pois não queriam ser repreendidos uma outra vez. Contudo, uma minoria era frequentemente alterada, logo, não repensavam a sua conduta, pois consideravam as repreensões ou os supostos desvios de conduta pequenos, irrelevantes, infundados, sem sentido, implicantes e rígidos. Dois entrevistados até gostavam de receber alterações, pois queriam se destacar por fugir do padrão e até provocavam repreensões para protestar contra a arbitrariedade, que podia ser constatada quando eles eram alterados sem justificativa plausível. Alguns veteranos inventavam motivos para adverti-los porque sabiam que esses dois alunos costumavam ser alterados, ou seja, contribuía para a estigmatização dos dois como alunos “errados”. Nesse sentido, Martins e Carrano (2011), explicam que quando os jovens sentem suas práticas, representações, símbolos e rituais desautorizados pelas escolas tradicionalistas, não escondem o descontentamento, reagindo de forma enérgica. Alguns deles acabam rotulados, injustamente, como problemáticos ao longo do processo multifatorial de construção de suas personalidades, pois não se encaixam nos moldes conservadores das escolas.

Nesses casos, as advertências sistemáticas produzem o efeito contrário ao desejado, que é a conduta de acordo com as regras.

Quando interpelados quanto às mudanças na apresentação pessoal, três entrevistadas e cinco entrevistados disseram que não mudariam nenhuma regra de apresentação pessoal, alegando que:

**F6:** Elas estavam ao nosso alcance e condiziam com a ideia de ensino militar;

**F3, F4, M3 e M5:** Elas nos preparavam para a vida adulta;

**M1 e M4:** A uniformização dificultava a segregação entre ricos e pobres;

**M4:** A uniformização dificultava o *bullying*;

**M2:** Elas regravam melhor os/as alunos/as do que alguns pais/mães.

Por outro lado, três entrevistadas e três entrevistados, quando interrogados/as quanto às mudanças na apresentação pessoal, disseram que mudariam as regras de apresentação pessoal das seguintes formas:

**F5:** Livre escolha entre saia ou calça;

**F5:** Livre escolha para determinar a altura da saia;

**F1 e F2:** Livre escolha para bijuterias;

**F1 e F2:** Livre escolha para tamanho de unhas e cores de esmaltes;

**F1:** Livre escolha para maquiagens;

**F2 e M6:** Livre escolha para penteados;

**M7:** Relevar quando a farda não está impecavelmente passada;

**M7:** Implantar o abrigo como uniforme padrão do dia-a-dia;

**M8:** Cobrar a farda apenas em ocasiões especiais como cerimônias militares.

As flexibilizações propostas parecem coerentes coma sociedade moderna em que vivemos, na qual a maior flexibilidade é até desejável inclusive para o mercado de trabalho. A maleabilidade sugerida pelos/as entrevistados/as quanto à apresentação pessoal não é uma interferência negativa na formação identitária ou na conduta, são apenas pequenas negociações de alunos/as para as suas culturas estarem representadas no ambiente escolar. Sant'Ana (2015) comenta que a padronização dos/as alunos/as de acordo com todas as expectativas sociais através de regras acaba silenciando interesses, perspectivas e aspirações dos jovens. Portanto, penso que se essas asserções fossem implantadas elas institucionalizariam um ambiente mais livre e leve,

consequentemente, mais benéfico para os jovens do CTBM desenvolverem suas identidades e expressarem suas culturas.

Quanto à hierarquia, havia quem se sentisse bem quando era cobrado de maneira respeitosa pelos/as veteranos/as e incentivado pelo bom exemplo deles/as a obedecer. Contudo, a maioria dos ex-alunos/as se queixou da hierarquia entre alunos/as e apontaram vários problemas observados por eles/as no cotidiano do CTBM. Eles/as destacaram as seguintes falhas:

**F1:** Não existe hierarquia entre amigos, independente de frequentar anos diferentes;

**F1:** Existem veteranos em posição de comando que não querem comandar;

**F2:** Não via sentido em chamar alguém um ano mais velho de senhor/senhora;

**M6:** Existem veteranos hipócritas em posição de comando;

**M6:** Alguns veteranos se comportam apenas na frente dos militares;

**F1** e **M7:** Existem veteranos arrogantes em posição de comando;

**F1** e **M7:** Alguns veteranos debocham, implicam e xingam os calouros, criando rixas e inimigos;

**M5:** Existem veteranos e militares sem capacidade intelectual para ocupar posições de comando;

**M1** e **M6:** Eu não prestava continência para os meus desafetos, que eram alguns veteranos;

**M2:** Tínhamos rixas com veteranos que abusavam do poder;

**M3** e **M4:** Nunca aconteceu comigo, mas já presenciei situações de abuso de poder.

As imperfeições do sistema hierárquico no CTBM ficaram bastante evidentes nos relatos dos/as entrevistados/as e, ao que tudo indica, a noção de posição de poder exercitada dentro do colégio apresentava episódios de abuso. Autoridade prepara o jovem ao longo da sua construção identitária, pois essa é uma demanda na vida adulta, mas no caso, acredito que se está apontando cenas de autoritarismo. O que os jovens parecem apontar é o modelo de alguém que entrou antes coordenar calouros, possibilita o excesso e abuso de poder entre os pares. Ainda que o abuso de poder também precise ser punido como um comportamento não aceitável. Outros aprendizados que são certamente relevantes para a vida em sociedade poderiam ser exaltados, como, por exemplo, o respeito mútuo, a cooperação, a solidariedade e a empatia.

#### **4.4 Desempenho escolar e méritos**

Quatro entrevistadas e sete entrevistados não sentiam o seu desempenho afetados nas aulas pelas formaturas militares diárias no CTBM, pois entendiam que elas:

**F2, F3, M1, M5** e **M6:** Deixavam os alunos mais ativos, diminuindo o sono;

**F3 e M3:** Eram um exercício bom;

**F5:** Não afetavam, mas eram perda de tempo;

**F6 e M7:** Eram breves geralmente;

**M2:** Ajudavam os atrasados a não perder os primeiros períodos;

**M4:** Se não existissem, seu desempenho seria o mesmo.

Contudo, alguns sentiam que seu desempenho nas aulas era afetado indiretamente ou diretamente pelas solenidades militares na época dos treinamentos para os desfiles. Aquele momento era marcado pela diminuição do número de aulas e escancarava a prioridade dos comandantes ao privilegiar o militarismo em detrimento do ensino. Abaixo, seguem dois relatos na íntegra de como as atividades militares afetavam o desempenho de duas entrevistadas de formas indireta e direta respectivamente:

Isso foi especialmente prejudicial no terceiro ano, pois a inflexibilidade dos horários do colégio nos impediu de frequentar o pré-vestibular à tarde. Na época, faltou bom senso ao comando militar do CTBM, que poderia ter marcado os treinamentos para os desfiles no período da manhã, facilitando a rotina de estudos dos alunos vestibulandos (**F1**)

As formaturas militares afetavam meu o desempenho em sala de aula. Eu tinha que acordar muito cedo e era chamada pelo meu pai muitas vezes até acordar. Eu odiava a formatura porque tinha pressão baixa, achava que não conseguiria aguentar de pé até o final e quando chegava na sala acabava dormindo nos primeiros períodos (**F4**)

No geral, as atividades militares rotineiras não parecem afetar o desempenho dos/as alunos/as em sala de aula, mas o sentimento de indignação quanto à inflexibilidade da carga horária do colégio na época veio à tona. Essas atividades que ocupavam muito tempo de todos/as, e eram sempre no interior da escola com o tema militar. Os/as alunos/as talvez se vissem impedidos de realizarem outras atividades não-militares fora do CTBM, impedidos de vivenciarem mais situações em ambientes diferentes onde possivelmente ganhariam experiências de vida, de maneira diversa e multicultural. Amaral (2011) reforça que, a vivência da condição juvenil nos diferentes meios sociais revela que eles são produzem expressões de culturas juvenis muito singulares. Quanto mais diversa for a composição da sociedade maior será sua capacidade de compartilhar ideias e ideias diferentes, ou seja, mais rica ela será.

Quando indagados/as quanto aos alamares de mérito, via de regra, os/as entrevistados/as disseram que não queriam recebê-los porque não se importavam com isso naquela época. Contudo, diversas críticas e elogios foram manifestados como consequência da existência das premiações. Segue abaixo, uma lista das visões dos/as ex-alunos/as sobre essas condecorações:

**F1, F4, F6, M1, M2, M3, M4 e M7:** Eu não tinha sentimentos pelos alamares;  
**F2, M2, M5 e M6:** Os alamares por mérito escolar eram justos;  
**F2, M1, M5 e M6:** Amigos dos militares recebiam alamares por mérito disciplinar;  
**F2:** Jovens discretos não recebiam alamares por mérito disciplinar;  
**F3, F6, M4 e M8:** Os alamares incentivam aqueles que estão no caminho certo;  
**F3, M4 e M5:** Não sei os critérios para a premiação por mérito disciplinar;  
**F5:** Não lembro dos alamares de mérito;  
**M3:** O colégio não supervalorizava esse aspecto;  
**M4:** A relativização da premiação fez seu intuito se perder;  
**M5:** A relativização da premiação gerava ódio e rivalidades desnecessárias;  
**M7:** Eu tirava sarro dos alamares, dizendo que era coisa de “cdf”.

Aparentemente, a palavra 'indiferença' resume bem o sentimento coletivo dos/as entrevistados/as sobre essa temática. Parece que as condecorações, com alamares de mérito, não eram tão importantes para os/as ex-alunos/as. De acordo com Setton (2015), não é incomum resultados escolares ao acentuarem os diferenciais entre alunos, se converterem em injustiças, pois legitimam e marcam as desigualdades. Diz ainda a autora que, “a sociologia da educação contemporânea se vê diante de uma problemática mais difusa e por vezes consensual acerca do mérito e da excelência individual” (p.1387)

Além disso, os alamares no CTBM, não têm critérios que justificam as premiações disciplinares, são arbitrarias, por isso, os sentimentos negativos individuais e os conflitos de relacionamento no ambiente escolar.

#### **4.5 O que lembram e projetam**

Quando perguntados/as sobre suas lembranças da época de colégio, os/as entrevistados/as comentaram tanto situações felizes quanto tristes de suas trajetórias escolares. No geral, todos destacaram que as recordações positivas superam as negativas. Abaixo, seguem as memórias e alguns sentimentos:

**F2, F6, M1, M2, M3, M4, M5, M6 e M7:** As boas amizades;  
**F2, F3, M4 e M5:** Os problemas relacionados a hierarquia;  
**F4, F6 e M3:** As brincadeiras durante a faxina do colégio;  
**F4:** A tristeza pela expulsão do seu namorado;  
**F4:** As refeições em turma;

**F5:** Os bons professores;  
**F5:** A formação diferenciada que contribuiu para o ingresso na universidade;  
**F5:** O desrespeito de alguns comandantes militares para com os alunos;  
**M1 e M3:** As vivências no CTBM;  
**M3:** As boas conversas;  
**M3:** Os trabalhos em grupo;  
**M3:** A atmosfera agradável proporcionada pela arborização do CTBM;  
**M5:** A igualdade de tratamento que pessoas de classes sociais diferentes recebiam;  
**M2:** A reunião entre o seu pai e o comando militar sobre sua exclusão do CTBM;  
**M2:** A briga com um veterano pelo seu envolvimento afetivo com uma aluna;  
**M4:** A falta de professores;  
**M6:** Os boatos caluniosos inventados pelas professoras sobre ele;  
**M7:** O arrependimento de ele não ter aproveitado mais o ensino de qualidade;  
**M8:** Quando passou mal durante a formatura.

Quando indagados/as como o CTBM influenciou as suas vidas e os seus valores, os/as entrevistados/as citaram aspectos que julgaram importantes. Essas perspectivas muito particulares seguem abaixo:

**F1 e F6:** Aprendi a ser mais responsável;  
**F1:** Aprendi a ser mais disciplinado;  
**F1 e F3:** Aprendi a me portar melhor;  
**F1:** Aprendi a importância da apresentação pessoal;  
**F2:** Aprendi a estudar;  
**F2 e M7:** Aprendi mais sobre coletividade;  
**F2, F3 e F6:** Aprendi mais sobre hierarquia;  
**F3, F4 e F5:** Aprendi a trabalhar em grupo;  
**F3 e M4:** Fui preparado para o ambiente profissional;  
**F5:** Aprendi a valorizar qualquer patrimônio físico;  
**F6 e M4:** Aprendi a ser mais respeitoso;  
**M1:** Aprendi a ser mais independente;  
**M1:** Aprendi a ser mais determinado;  
**M1:** Conheci minha namorada lá;  
**M1, M4 e M8:** Trabalhei o discernimento do certo e o errado;  
**M3 e M5:** Tive lições de igualdade e de respeito às diferenças;

**M4:** Trabalhei a ética, a cidadania e o planejamento;

**M4 e M7:** Aprendi a ser crítico;

**M5:** Desenvolvi a inteligência emocional necessária para lidar com adversidades;

**M6:** Assimilei a importância de seguir as regras dos ambientes que frequento;

**M8:** Não afetou em nada a minha vida.

Quando questionados/as se incentivariam seu filho/a estudar no CTBM, os/as entrevistados/as disseram que, pela disciplina, gratuidade, infraestrutura, amizades e lembranças boas, sim. Entretanto, várias ressalvas foram feitas e também merecem destaque porque evidenciam que esse colégio possui problemas, intrínsecos a filosofia militar ou não. Essas colocações seguem abaixo:

**F1, F2, F3, F4, F5, F6, M1, M2, M3, M4, M5, M6, M7 e M8:** Sim;

**F1:** Se o militarismo for a prioridade em detrimento do ensino: Não;

**F1:** Se eu tiver dinheiro para pagar uma escola particular: Não;

**F2:** Se eu sentir que as regras militares possam a traumatizá-lo ou traumatizá-la: Não;

**F3 e M7:** Se a personalidade do meu filho ou filha for incompatível: Não;

**F5:** Se ele ou ela passar no CMPA, onde o ensino é melhor: Não;

**F6:** Se a falta de professores seguir sendo uma realidade: Não;

**M8:** Se o CTBM não estiver adaptado ao ensino moderno e tecnológico: Não.

As lembranças positivas citadas foram tão significativas para os/as entrevistados/as que parecem amenizar as lembranças negativas. Porém, é difícil avaliar com segurança se as lembranças mais marcantes foram as boas ou as ruins. Por isso, nessa parte os depoimentos dos jovens e das jovens ilustram os resultados, que são diversos e sem uma resposta definitiva.

## 5. Considerações finais

Assim sendo, e considerando que a instituição escolar é um espaço de relações sociais para além das aprendizagens cognitivas, podem ser concebidas como espaço representativo dos significados circulantes sobre culturas juvenis. Além disso, elas são locais importantes na produção e regulação das identidades juvenis. Vale lembrar que essa produção de identidades na escola não é final e nem pode conter todos os aspectos da vida, mas pode ter consequências e ramificações em várias dimensões da vida social.

As experiências marcantes na escolarização não se referem somente aos conteúdos programáticos que são apresentados pela escola, mas sim a situações do cotidiano vividas no interior da escola com colegas e professores e, no caso do CTBM, com militares comandantes. Os depoentes, ao recordarem sua passagem pela escola, trazem experiências que foram fundamentais na construção de suas identidades, que na perspectiva sociológica significam os compartilhamentos de ideias e ideais de um determinado grupo. Os/as entrevistados/as lembraram de várias situações que envolveram diversos momentos escolares e o quanto tais situações se fazem presentes hoje, nos seus comportamentos, no mundo do trabalho e na vida pessoal. Eles/as mostraram que as suas identidades, tanto as consideradas dentro das normas, como as desviantes, segundo as regras do CTBM, foram fortemente controladas e produzidas através da escolarização militar. É importante ressaltar que todos/as depoentes, de uma forma ou de outra, se adaptaram ao CTBM, com mais ou menos dificuldades finalizaram seus estudos. Seria interessante um contraponto com estudantes que abandonaram ou foram expulsos do Colégio, esses e essas poderiam nos mostrar outras facetas, porém esse seria outro estudo, são os limites dessa investigação.

Ao nível pessoal, realizar este trabalho foi extremamente gratificante porque entendo que ele ajudou a mostrar a vivência de alguns alunos/as de uma escola militar. Os sentimentos apresentados mostraram que os/as alunos/as do CTBM são mais do que as estatísticas de desempenhos escolares reportadas na literatura acadêmica. E sim, que são que jovens que buscaram refletir sobre como se adaptaram e/ou resistiram ao contexto escolar regido pelas regras militares.

Juntos, eu e os ex-alunos/as fizemos um panorama da nossa história escolar e relembra-la foi divertido. A combinação da vivência durante o Estágio Docente de Biologia com os relatos coletados nas entrevistas me possibilitou mergulhar intensamente nas lembranças escolares. Para conhecer uma instituição é importante ter diferentes fontes, conhecer seus prédios e suas salas, seus dirigentes e também quem passou por ela, seus alunos e alunas. Este trabalho buscou trazer um pouco desses e dessas que estiveram lá, no Colégio Tiradentes.

## 6 Referências

ABDALLA, Carla Caires. **Rolezinho pelo funk ostentação**: um retrato da identidade do jovem da periferia paulistana. São Paulo: FGV, 2014. Dissertação (Mestrado em Administração) Escola de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, 2014, 102 p.

AMARAL, Márcio de Freitas do. **Culturas juvenis e experiência social**: modos de ser jovem na periferia. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011, 141p.

BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>.

BRASIL. Censo escolar da educação básica 2016: notas estatísticas. INEP, Ministério da Educação Brasília, DF, 2017. Disponível em. [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2017/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_da\\_educacao\\_basica\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf).

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBN, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em. <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-norma-actualizada-pl.html>.

BRASIL. Lei Estadual 12.349 de 26 de outubro de 2005. Disponível em. <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.349.pdf>

BRANDÃO, Elaine. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 63-86.

CASTRO, Nicholas Moreira Borges de. **“Pedagógico” e “disciplinar”**: o militarismo como prática de governo na educação pública do estado de Goiás. Brasília: UNB, 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2016, 104p.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Belo horizonte, n.24, set/out/nov/dez 2003.

DIAS, Luciana Campos de Oliveira. **Trajetórias de jovens egressos do ensino médio de uma escola pública de Santa Maria e o ENEM como ferramenta de inserção social**. São Leopoldo: UNISINOS, 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Escola de humanidades, Universidade do Vale do Rio do Sinos, 2013, 176p.

FREIRE, Fábio Facchinetti. **Estamos alunos**: Um estudo sobre a identidade contemporânea dos alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e editora, 2017.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANUAL do aluno CTBM, 2012. Disponível em. <https://colegiotiradentes.g12.br/institucional/legislacao/manual-do-aluno-tiradentes/>

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos e CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**. Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2910>

MENDES, Carlos Frederico Macedo. **O sistema Colégio Militar do Brasil**: educação formal eficiente como instrumento de fortalecimento da Expressão Psicossocial do Poder Nacional. Rio de Janeiro: Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra, 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso. 2014.

MENEZES, Virna Vidal e SOARES, Ricardo Brito. Diferencial de desempenho das escolas militares: bons alunos ou boa escola? **Encontros Universitários da UFC**, v. 2, Fortaleza, 2017.

PERONDI, Maurício. Experiências de participação social de jovens e sentidos atribuídos às suas vidas, 2015. **37ª Reunião Nacional da ANPED**, 2015, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

REGIMENTO interno das escolas militares-ri/cm, 2009. Disponível em: [http://cmsm.eb.mil.br/phocadownload/legislacao/regulamentos/04\\_RICM-2009.pdf](http://cmsm.eb.mil.br/phocadownload/legislacao/regulamentos/04_RICM-2009.pdf).

RODRIGUES, Marcus Paulo Ruffeil. **Gestão da polícia militar: a cultura institucional como agente limitador da construção de uma polícia cidadã**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial). Programa de Gestão Empresarial, Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas, 2010,88p.

ROSA, Fabiana Teixeira da. Pesquisas educacionais em colégios militares do Brasil: estado da arte. Colóquio "Ensino médio, história e cidadania", 2012, Florianópolis **VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania**. Universidade Federal de Santa Catarina, v. 2, n. 2, 2012.

SANT'ANA, Ruth Bernardes de. Cultura dos alunos adolescentes do ensino fundamental público no Brasil: formas de expressões no contexto escolar; 2015. **37ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2015, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

SETTON, Maria da Graça Jacintho e Martuccelli, Danilo. A escola: entre o reconhecimento, o mérito e a excelência **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. Especial, p. 1385-1391, dez., 2015.

SOUZA, Gabriela Menezes de. **Sistema colégio militar do Brasil (SCMB): uma referência de gestão educacional da rede federal de ensino brasileira**, UCB, Brasília/2014.

VARELA, Julia. Categorias espaço-temporais e socialização escolar: do individualismo ao narcisismo. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 73-106.

VIEIRA, Liana Roxo. **Como é bom ser vida loka: juventude, escola e o consumo musical do funk**. Porto Alegre: UFRGS. TCC, 2012. (Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Pedagogia) Faculdade de Educação/Faced, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.32 p

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Ciências Biológicas  
Faculdade de Educação**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O pesquisador Gabrihel Stumpf Viegas, aluno do curso de Ciências Biológicas desta Universidade, sob orientação da professora Dra. Rosângela de Fátima Rodrigues Soares, realizará formação e investigação através de pesquisa realizada no mês de abril de 2018. O objetivo desta pesquisa é investigar os significados dados pelos ex-alunos do CTBM à vivência que tiveram no espaço da escolar militar.

Os informantes que aceitarem participar desta pesquisa precisam assinar este consentimento, autorizando a coleta de dados a partir de entrevistas.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado. A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, no decorrer da pesquisa, o participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O pesquisador compromete-se a esclarecer quaisquer dúvidas ou questionamentos que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do e-mail do pesquisador.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU \_\_\_\_\_,

RG sob nº \_\_\_\_\_, concordo em participar desta pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/da participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

*GabrihelStumpfViegas*

[gabrihelstumpfviegas@gmail.com](mailto:gabrihelstumpfviegas@gmail.com)

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

## APÊNDICE B - ENTREVISTA ESTRUTURADA

### Entrevista

1. Por que você escolheu estudar no CTBM?
  2. Você se adaptou com facilidade às regras do CTBM? Fale sobre isso.
  3. Você burlava alguma regra de apresentação pessoal? Como? Por quê?
  4. Você mudaria algo nas regras de apresentação pessoal? Por quê?
  5. Você repensava o seu comportamento após ser alterado? Por quê?
  6. Como você lidava com a hierarquia no cotidiano?
  7. As formaturas militares afetavam o seu rendimento nas aulas?
  8. Qual era o seu sentimento quanto aos alamares de mérito?
  9. Você guarda uma lembrança positiva ou negativa daquela época?
  10. De que maneira o CTBM afetou sua vida e seus valores?
- Extra: Você incentivaria seu filho (a) a ingressar no CTBM? Por quê?